

### 3. O ESPAÇO MARÍTIMO: A DESCOBERTA DO “MAR OCEANO”

#### 3.1. O MEDO E OS MONSTROS DO MAR

“De uma maneira geral os seres humanos são criaturas timoratas. Sentem-se muito confortáveis quando estão em terra. A transposição para outros elementos, particularmente o ar e a água, pode provocar trauma”.<sup>1</sup> Por isso, nos relatos de viagens, sentimos a nostalgia, a saudade da “terrinha”, da terra firme, de um porto seguro, seja ele em uma ilha atlântica ou no velho continente, oposto a insegurança da água do mar. A água foi durante eras, idades, tempos, identificada como um antielemento.

Os marinheiros e navegantes do fim do medievo e do início da modernidade carregavam também a herança legada pelos antigos acerca das fronteiras do mundo. Segundo a cosmologia da Antiguidade, a Terra tinha a forma de um disco plano circundado pelo “Mar Oceano”, em cujas bordas as águas despencavam em catarata, sugando as embarcações rumo ao infinito desconhecido. A descoberta de que a *Orbis* era esférica, redonda, criou um outro problema: as embarcações que descessem não poderiam subir de volta ao ponto de partida. Segundo Bartolomé de Las Casas, em *Historia de las Índias*,

“Todo aquele que navegasse sempre em frente em direção ao Poente não poderia retornar em seguida, supondo que o mundo fosse redondo, e dirigindo-se para oeste, eles iriam descendo e saindo do hemisfério descrito por Ptolomeu, na volta seria preciso ir subindo, o que os navios não podiam fazer”.<sup>2</sup>

A interpretação literal da Bíblia também influenciou as representações do mar na cartografia. No *Gênesis*, o mar é o elemento que antecede imediatamente a

---

<sup>1</sup> A. J. R. RUSSEL-WOOD. *Portugal e o Mar: um Mundo Entrelaçado*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997. p. 25.

<sup>2</sup> W.G.L. RANGLES. *Op. Cit.* p. 37.

Terra. Portanto, ele simboliza o inacabamento da Criação, o caos primitivo, a “desordem anterior à civilização”<sup>3</sup>,

“Definindo os seres que o habitavam, as tragédias marítimas que nele ocorriam e os povos que por ele circulavam, um anti-mundo cuja constante ameaça permitia valorizar e reforçar a sacralizada coesão do espaço cristão”.<sup>4</sup>

O *Gênesis* também impõe a visão do “Grande Abismo”,

“Lugar de mistérios insondáveis, massa líquida sem pontos de referência, imagem do infinito, do incompreensível. Essa extensão palpitante, que simboliza, ou melhor, que constitui o incognoscível, é em si mesma terrível”.<sup>5</sup>

O Oceano é o “recipiente abissal dos detritos”<sup>6</sup> das águas do dilúvio. O “Paraíso Terrestre”, a Terra antediluviana habitada por Adão e Eva antes da queda, não tinha mar – o Jardim do Éden ignorava a tempestade, ali reinava a “Primavera eterna” –, e todos os homens habitavam um mesmo continente. Daí a localização do *ecúmeno* cristão em um só continente, e a idéia, quando da descoberta da existência de um quarto continente, da impossibilidade de ser habitado pelo ser humano. No dilúvio, o Oceano é um instrumento de punição das almas, o anti-mundo.

Suas águas profundas eram vistas como o “mundo cruel, da absorção em cadeia, da devoração em série, representa o domínio de Satã e das potências infernais”<sup>7</sup>, uma “multidão de monstros marinhos que enchem as águas”<sup>8</sup>, sempre prontos a engolir os vivos. “Os mares cobriam-se de navios, monstros marinhos, peixes, baleias, figuras míticas, onde não faltavam Netuno e as sereias. Alguns espécimes desses tempos recuados são de extraordinária beleza”<sup>9</sup>, ou de feiúra pavorosa! “Os marinheiros que circulavam nas regiões recém-descobertas foram tomados de pânico quando pensaram ver surgir do oceano monstros

<sup>3</sup> Alan CORBIN. *O Território do Vazio. A praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989. p. 12.

<sup>4</sup> Luis KRUSS. *O imaginário português e os medos do mar*. IN: Aduino NOVAES (org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 95.

<sup>5</sup> Alain CORBIN. *Op. Cit.* p. 11.

<sup>6</sup> *Idem. Ibidem.* p. 14.

<sup>7</sup> *Idem. Ibidem.* p. 17.

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem.* p. 17.

<sup>9</sup> Isa ADONIAS. *Op. Cit.* p. 45.

gigantescos capazes de devorar tripulações inteiras.”<sup>10</sup> As sereias se originam e se assemelham às harpias, da lenda dos Argonautas. Eram seres, metade mulher, metade peixe, que “entoavam cantos tão melodiosos que os navegantes, levados pelo desejo de melhor ouvi-las aproximavam-se cada vez mais até que seus navios acabavam afundando nos recifes”.<sup>11</sup> Segundo a tradição grega, apenas dois heróis, Jasão, de *Os Argonautas*, e Ulisses, da *Odisséia*, de Homero, escaparam a esse funesto destino.

Cristóvão Colombo, em seu *Diário*, afirmou ter visto três sereias na sua primeira viagem à América:

“Passado o dia, quando o Almirante se dirigia para o rio do Ouro, disse ter visto três sereias que saltavam bem alto no mar, que não eram tão belas como tinham sido descritas, mas que mesmo assim tinham alguma forma humana em seus rostos”.<sup>12</sup>

“Mas a descrição feita no diário de bordo desse prodígio – com toda a probabilidade, peixes-bois do Caribe ou vacas-marinhas – sugere uma certa resistência à iconografia tradicional: elas ‘não são tão bonitas como as pintam, pois no rosto se parecem com homens’”.<sup>13</sup>

Jean de Léry, em seu *Viagem à terra do Brasil*, também escreve sobre a *vacca maritima*, a baleia.

Através do Leviatã, monstro da mitologia antiga identificado como um animal aquático – “Plínio, o Velho”, em seu *Historia Natural* diz que “a água dos oceanos é a mãe de todos os monstros” – ou réptil, a Bíblia consagrou o caráter teratológico (monstruoso) do peixe.

“Subitamente veio em tanto crescimento que começando de lhe haver medo, pela pouca confiança que na nau tínhamos, determinamos ir-lhe fugindo com uma moneta posta ao redor dos castelos, e querendo por mãos a isto, senão quando um marinheiro, que dois que aí estavam na gávea recolhendo os aparelhos, começou de se benzer e chamar pelo nome de JESUS muito alto, e perguntando-lhe algumas pessoas que era aquilo, lhe mostrou pela banda de estibordo uma onda que de muito longe vinha levantada por cima das outras todas em demasiada altura, dizendo que diante

<sup>10</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *América Mágica. Quando a Europa da Renascença pensou estar conquistando o Paraíso*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 243.

<sup>11</sup> *Idem. Ibidem*. p. 244-245.

<sup>12</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 245.

<sup>13</sup> Stefen GREENBLATT. *Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 102.

dela vinha a vir um grande folia de vultos negros, que não podiam ser senão diabos”.<sup>14</sup>

No *Apocalipse*, os quatro primeiros dos quinze sinais que anunciam o advento de Nosso Senhor Jesus Cristo fazem referência sobre a água, os rios e o mar:

“E o segundo Anjo tocou... Algo como uma grande montanha incandescente foi lançado no mar: uma terça parte do mar se transformou em sangue, pereceu um terço das criaturas que viviam no mar e um terço dos navios foi destruído (*Apocalipse*, 8: 8-9)”.

“Depois, eu vi um céu novo, uma terra nova. O primeiro céu, com efeito, e a primeira terra desapareceram, e de mar, já não há mais (*Apocalipse*, 21:1)”.

O elemento água é fundamental nas lendas e na história da coabitação territorial entre árabes e cristãos. O monstro vem da Antiguidade, mas a Idade Média acrescentou à teratologia a figura do diabo.

“Tratava-se de imagens nascidas e difundidas durante a Alta Idade Média, quando o litoral europeu, tanto o Mediterrâneo quanto o Atlântico, fora progressivamente invadido e ocupado por povos não-cristãos. Sendo o mar a sua estrada e seu modo de vida, ele passou a comungar da destruição e da impiedade que lhe eram atribuídas”.<sup>15</sup>

“Foi como se o incômodo achamento do Outro formasse um imenso espelho para a projeção de rico universo de representações”<sup>16</sup>, que iria refletir a visão dos navegadores: o “Mar Tenebroso”.

“Antes de ser descoberto, o Atlântico foi imaginado. Antes de ser conhecido, o Oceano foi lido, pensado, projetado como um espaço situado ara além, como lugar do desconhecido, talvez por isso como lugar do maravilhoso”.<sup>17</sup>  
 “Desta indefinição espacial do Atlântico resulta, possivelmente, a sua relativa pobreza em termos de imaginário, claramente subalternado perante o maravilhoso

<sup>14</sup> Manuel de Mesquita PERESTRELO. *Relação sumária da viagem que fez Fernão d'Álvares...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *História Trágico-Marítima*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores: Contraponto Editora, 1998. pp. 31-32.

<sup>15</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* p. 96.

<sup>16</sup> Paulo MICELI. *Novo Mundo: o Espelho da Europa*. IN: Paulo MICELI (org.). *Op. Cit.* 2002. p. 161.

<sup>17</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 17.

de um outro oceano, o Índico – tradicionalmente mais rico”<sup>18</sup>. Portanto, não se trata do maravilhoso DO Atlântico, mas do maravilhoso NO Atlântico.

“O mar. Cinco séculos depois, não sabemos muito sobre o que dele se sabia. O saber que iam acumulando e transmitindo não ficou na memória. Porque as grandes explorações não eram objeto de registro escrito. Honras recebiam os feitos em combate. Por causa dessa omissão, dessa separação de interesses, há uma tentadora visão misteriosa sobre as grandes navegações portuguesas. E, no entanto, esses vazios das informações, que atraem os historiadores, não podem ser esquecidos quando se observa o processo e unificação do planeta que as grandes descobertas inauguraram. Por mares e terras que antes se desconheciam, a Humanidade começou a construir uma outra visão do seu espaço. Novos mares, novas terras, novas gentes. Diferentes culturas e diferentes formas de atuar”<sup>19</sup>.

Essas lendas e superstições conviveram na imaginação dos navegadores com os obstáculos reais do mar ignoto, incógnito, o Oceano Atlântico.

“É certo que entre os perigos que se encontram na passagem desta vida humana, não há de modo nenhum tais, semelhantes nem tão frequentes e ordinários quanto aqueles que advêm aos homens que frequentam a navegação do mar, tanto em número e diversidade de qualidades como em violência rigorosas, cruéis e inevitáveis, para eles comuns e diárias, e tais não poderiam garantir por uma só hora do dia estar no número dos vivos”<sup>20</sup>.

Ao mesmo tempo em que as viagens marítimas inspiravam poemas épicos como *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, cujo caráter é o mesmo das epopéias gregas *A Iliada* e *Odisséia*, de Homero -

“Os atos heróicos dos homens da península pareciam ter a mesma matéria daqueles realizados pelos Aquiles e Ulisses homéricos. A vitória sobre os infieis, obtida após uma guerra infundável como a de Tróia, e o domínio sobre o mar tenebroso, articulado com a mesma coragem e astúcia de Ulisses, como que repetiam as fundações da civilização ocidental”<sup>21</sup> -

<sup>18</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* pp. 18-19.

<sup>19</sup> Joaquim Romero de MAGALHÃES. *Editorial*. IN: Joaquim Romero de MAGALHÃES (org). *Op. Cit.* 1999. p. 5.

<sup>20</sup> Jean DELUMEAU. *História do medo no Ocidente: 1300 - 1800, uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 44.

<sup>21</sup> Rubem Barbosa FILHO. *Tradição e Artificio: iberismo e barroco na formação americana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000. p. 26.

originaram um gênero literário peculiar da literatura portuguesa, os relatos de naufrágio, que, somente entre 1585 e 1597 atingiram 30% e, entre 1497 e 1653, atingiram 20% dos navios da “carreira das Índias”.

“Coisa é esta que se conta neste naufrágio para os homens muito temerem os castigos do Senhor e serem bons cristãos, trazendo o temor de Deus diante dos olhos, para não quebrar seus Mandamentos. E por me parecer história que daria aviso e bom exemplo a todos, escrevi os trabalhos de morte deste fidalgo e de toda a sua companhia, para que os homens que andam pelo mar se encomendem continuamente a Deus e a Nossa Senhora, que rogue por todos. Amém”.<sup>22</sup>

Mas o verdadeiro objetivo dos relatos de naufrágio era

“Fazer com que a coroa portuguesa tomasse conhecimento das causas dos naufrágios a fim de evitá-los, não para que outros não viessem a ser vítimas de morte sofrida, mas para que os cofres do reino não tivessem prejuízo”.<sup>23</sup>

As viagens da “carreira das Índias” se faziam em condições deficientes de segurança. Os problemas começavam nos estaleiros, que descuidavam criminosamente da própria construção e do conserto das frágeis embarcações.

“Cortam-se também as madeiras fora do seu tempo e sazão, a qual é na Lua minguate de Janeiro, pelo que são pesadas, verdes e dessazonadas, e como tais torcem, encolhem e fendem, e desencaixam-se do seu lugar com que, despedindo a pregadura e estopa, abrem, e com a umidade da água de fora e grande quentura da pimenta e drogas de dentro, logo se apodrecem e corrompem na primeira viagem, e assim basta uma só tábuca colhida em vez para causar a perdição de uma nau”.<sup>24</sup>

“Acrescentam este dano os oficiais que as fazem ou consertam de empreitada (que em toda fábrica é prejudicial), os quais, por apoupar em o tempo, não acabam cousa alguma como convém e se requer em uma obra de tanta importância, e assim deixam tudo imperfeito, e descobrindo na nau eivas e faltas que se

<sup>22</sup> Bernardo Gomes de BRITO. *Relação da mui notável perda do galeão grande "S. João"...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p. 5.

<sup>23</sup> Fábio Pestana RAMOS. *A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI.* IN: Mary del PRIORE (org.). *História das Crianças no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2002. p. 20.

<sup>24</sup> João Batista LAVANHA. *Relação do naufrágio da nau Santo Alberto...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p. 380.

não remendaram bem sem perda sua, dissimulam com elas e enfeitam o dano de maneira que pareça bem consertado”.<sup>25</sup>

Uma das principais causas dos naufrágios também era a cupidez, a ganância, a ambição de ganho dos mercadores, que, na angústia, na ânsia, na ansiedade de enriquecimento ilimitado, carregavam desmedidamente as embarcações. A negligência, a superlotação, e a má distribuição da carga colocavam em risco, inclusive, suas próprias vidas. Mas esses nobres, altivos, soberbos e arrogantes, se preocupavam mais em salvar seus bens do que com as vidas humanas a bordo.

“Dizei, gente portuguesa, que nação haverá no mundo tão bárbara e cobiçosa que cometa passar o Cabo da Boa Esperança metidos no profundo mar com carga, pondo as vidas a tão provável risco de as perder, só por cobiça”.<sup>26</sup>

O egoísmo dos navegadores fazia com que fosse comum o lançamento de pessoas excedentes ao mar para diminuir o peso da embarcação.

“E tornando ao batel: tanto que cometeu sua viagem, acharam os oficiais tão pejado, por ir muito carregado, com todo o grosso debaixo d’água, que fizeram grandes requerimentos que se lançassem algumas pessoas ao mar para se poderem salvar as outras, o que aqueles fidalgos consentiram, deixando a eleição delas aos oficiais, que logo lançaram ao mar seis pessoas, que foram tomadas nos ares, lançadas nele, onde ficaram submergidas das cruéis ondas, sem mais aparecerem”<sup>27</sup>.

“O navio que se enxerga, já o sentiu Lucien Fèbvre, é o navio cujas vozes e ruídos podem ser ouvidos, superando os sons do mar”.<sup>28</sup> “Ó Mar salgado, quanto de teu sal são lágrimas de Portugal!”<sup>29</sup>

As pessoas eram condenadas à pena de morte, às vezes aleatoriamente, através de uma espécie de sorteio, às vezes calculadamente, através de uma escolha. A atrocidade, a desumanidade, e o barbarismo era tal que os primeiros a

<sup>25</sup> João Batista LAVANHA. *Op. Cit.* p. 380.

<sup>26</sup> Melchior Estácio do AMARAL. *Tratado das batalhas e sucessos do galeão Santiago...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p. 517.

<sup>27</sup> Diogo do COUTO. *Relação do naufrágio da nau São Tomé...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p. 348.

<sup>28</sup> Paulo MICELI. *DIA-A-DIA NO MAR. Viagem e naufrágio da nau São Paulo.* IN: Aduino NOVAES (org.). *Op. Cit.* 1998. p. 230.

<sup>29</sup> Fernando PESSOA. *Mar Português.* IN: Fernando PESSOA. *Obra Poética.* Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965. p. 82.

serem lançados ao mar eram as crianças, e as mulheres, salvo quando se tratassem de fidalgos. Os jesuítas se referiam às mulheres embarcadas como “um problema adicional ao se tratar de disciplinar a vida de bordo”<sup>30</sup>: “logo no primeiro dia procuramos botar fora a peçonha que o diabo costuma introduzir para perdição dos navegantes, e assim botamos fora duas mulheres *sospeitosas*”.<sup>31</sup> Houve mulheres que acabaram abandonadas pelo caminho, em alguma praia de uma ilha, cuja sorte desconhece-se.

A alta taxa de mortalidade infantil na Idade Média, fazia com que os pais não se apegassem às suas crianças. “Na iminência de um naufrágio, pais esqueciam seus filhos no navio, enquanto tentavam salvar suas próprias vidas”.<sup>32</sup>

“Os miúdos dificilmente tinham prioridade de embarque no caso de naufrágio. Optava-se quase sempre por fazer subir no batel apenas os membros da nobreza, oficiais da embarcação e tudo e todos que pudessem ser úteis à sobrevivência em terra, deixando as crianças entregues à sua própria sorte. Um barril de água ou biscoito, segundo a lógica quinhentista, tinha prioridade de embarque no batel sobre os pequenos”.<sup>33</sup>

E “as crianças embarcadas, quando não pereciam em terra depois do naufrágio, podiam mesmo ser jogadas ao mar pelos adultos a qualquer sinal de perigo de soçobrar o esquife ou o batel, a fim de aliviar seu peso”.<sup>34</sup>

Nos séculos XV e XVI, também, a criança ainda não era vista como tal, mas como um adulto em miniatura. Muitos pais alistavam suas crianças como grumetes entre a tripulação das embarcações. Era um bom negócio já que “eles, assim, tanto podiam receber os soldos de seus miúdos, mesmo que esses viessem a perecer no mar, quanto livravam-se de uma boca para alimentar”.<sup>35</sup>

“Uma época em que meninas de 15 anos eram consideradas aptas para casar, e meninos de nove anos plenamente capacitados para o trabalho pesado, o cotidiano infantil a bordo das embarcações era extremamente penoso para os pequeninos. Os

<sup>30</sup> Paulo MICELI. *Op. Cit.* 1998. p. 230.

<sup>31</sup> Paulo MICELI. *O zelo da virtude contra a peçonha do diabo – ‘sospeitosas’, virtuosas e imprudentes: a visibilidade feminina nas viagens portuguesas à época dos descobrimentos*. IN: *Anais do Congresso Internacional ‘O rosto feminino da expansão portuguesa’*. Lisboa: Comissão para a igualdade e para o direito das mulheres, 1994. p. 187.

<sup>32</sup> Fábio Pestana RAMOS. *Op. Cit.* p. 20.

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 41-42.

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem.* p. 42.

<sup>35</sup> *Idem. Ibidem.* p. 22.



meninos não eram ainda homens, mas eram tratados como se fossem, e ao mesmo tempo erma considerados como pouco mais que animais cuja mão-de-obra deveria ser explorada enquanto durasse sua vida útil”.<sup>36</sup>

A mão-de-obra infantil, em substituição à adulta, tornou-se indispensável à epopéia marítima.

“A vida a bordo reflete bem o que era essa viagem de dureza excepcional”.<sup>37</sup>

“A alimentação dos viajantes dependia quase somente dos gêneros embarcados à partida, dependendo a sorte de cada um a sua própria condição social. O controle dos alimentos e sua distribuição eram estabelecidos em regimentos, e apenas o capitão e um despenseiro por ele indicado tinham a chave dos paíóis de mantimentos, sempre submetidos a rigorosa vigilância”.<sup>38</sup>

A ração diária a que os navegadores tinham direito era de “uma libra e meia de biscoito por dia e um pote d’água, uma arroba de carne salgada por mês e alguns peixes secos, cebolas e manteiga”<sup>39</sup>, que, além de pequena quantidade, era de péssima qualidade: o “biscoito era bolorento e fétido, todo roído pelas baratas”.<sup>40</sup> “A carne salgada encontrava-se, constantemente, em estado de decomposição, infestada por vermes”.<sup>41</sup>

“Da carne, além de rara, pouco uso se fazia, já que cerca da metade dos dias de viagem era cumprida em dias de abstinência, recomendada por motivos religiosos. Quanto ao peixe, escasseava em alto-mar”.<sup>42</sup>

“Em tempos medievais, a deteriorização bacteriológica do alimento era uma praga crônica que ameaçava a saúde. Numa época em que a cozinha não tinha geladeira nem *freezer*, o bacalhau foi uma salvação. Como sabemos até hoje, depois de ressecado ele ao estraga com facilidade e dura um bom tempo”.<sup>43</sup>

<sup>36</sup> Fábio Pestana RAMOS. *Op. Cit.* p. 48.

<sup>37</sup> Francisco Contente DOMINGOS. *Navios e marinheiros*. IN: Michel CHANDEIGNE (org.). *Lisboa Ultramarina. 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. p. 56.

<sup>38</sup> Paulo MICELI. *O ponto onde estamos: viagens e viajantes na história da expansão e da conquista*. São Paulo: Scritta, 1994. p. 143.

<sup>39</sup> *Idem. Ibidem.* 1994. p. 158.

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem.* 1994. p. 158.

<sup>41</sup> *Idem. Ibidem.* 1994. p. 158.

<sup>42</sup> Paulo MICELI. *Op. Cit.* 1998. p. 234.

<sup>43</sup> Geraldo CANTARINO. *Uma Ilha chamada Brasil. O paraíso irlandês no passado brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004. p. 209.

Um dos primeiros povos a armazenar o bacalhau em suas embarcações para servir a alimentação de bordo foram os *vikings* escandinavos, que, segundo reza a lenda, descobriram a Groenlândia e a América do Norte, do outro lado do Oceano Atlântico. Os bascos foram mais longe do que os *vikings*, porque descobriram a técnica de salgar o bacalhau antes de secá-lo, o que fazia com que ele durasse mais tempo.

“Num continente tomado pela fé católica, a abstinência de carne nas sextas-feiras, dias santos e longos períodos como a quaresma criou um mercado para o consumo de peixe. O bacalhau tornou-se, praticamente, um ícone religioso”.<sup>44</sup>

Uma saída era se alimentar dos animais a bordo, inclusive, os ratos, segundo Jean de Lery, em seu *Viagem a Terra do Brasil*:

“A 12 desse mesmo mês, o nosso artilheiro morreu de fome, depois de ter comido as tripas cruas de seu papagaio, e foi como os outros lançado ao mar. Mas a necessidade que tudo inventa lembrou a alguns a caça aos ratos e ratazanas que, também mortos de fome por lhes termos tirado tudo o que pudessem roer, corriam pelo navio em grande quantidade. Tivemos que cozinhar camundongos na água do mar, com intestinos e tripas, e dava-se a essas vísceras maior apreço do que ordinariamente damos em terra a lombos de carneiro”.<sup>45</sup>

Ou expor cadáveres no convés da embarcação – “um homem e uma menina, filha de um casado que na nau ia”<sup>46</sup> – como iscas para atrair a captura de pássaros – “muitos rabos-de-junco, muitos rabiforcados, e alguns garajaus, e infinitos alcatrazes”.<sup>47</sup>

A tal ponto era a subalimentação e a míngua dos navegadores desventurados, desafortunados, que há relatos de prática de antropofagia pela sobrevivência.

“E porque havia tantos dias que não fizeram resgate nem meteram nas bocas coisa que nome tivesse, constrangeu a necessidade a muitos serem de parecer que comêssemos a esse cafre, e segundo se já soava, não era esta a primeira vez que a

<sup>44</sup> Geraldo CANTARINO. *Op. Cit.* p. 210.

<sup>45</sup> Paulo MICELI. *VIDA DE BORDO: entre ratos e catástrofes*. IN: Paulo MICELI (org.). *Op. Cit.* 2006, p. 72.

<sup>46</sup> Henrique DIAS. *Relação da viagem e naufrágio da nau S. Paulo...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p. 222.

<sup>47</sup> *Idem. Ibidem.* p. 222.

desventura daquela jornada chegara a alguns a gostarem de carne humana, mas o capitão não quis consentir em tal, dizendo que se cobrássemos fama que comíamos gente, dali até o cabo do mundo fugiriam de nós e trabalhariam de nos perseguir com muito mais ódio”.<sup>48</sup>

Outro bem de consumo não durável era água doce, potável. Sua escassez a bordo e a impossibilidade de reabastecimento nas “salgadas e amargas águas do mar que era o mundo”<sup>49</sup>, eram uma das principais razões do alto índice de doenças e mortalidade a bordo. “A água potável, igualmente podre, exalava um incrível mau cheiro por ser armazenada em tonéis de madeira, onde proliferavam inúmeros microorganismos, responsáveis por constantes diarreias”.<sup>50</sup>

“Já seríamos haveria obra de vinte dias partidos da ilha com o mantimento que acima disse, nele tivemos tanto regimento que não bebíamos mais que um copinho de vidro muito pequeno de água, e dos tubarões comíamos uma só talhada da grossura de dois dedos, e assim íamos tão fracos que nos não podíamos ter, e assim passamos muita fome e sede pelo mar, que houve pessoas que bebiam mijo, e dele morreram quatro pessoas, outras da água salgada”.<sup>51</sup>

As viagens da “carreira das Índias” levavam meses só de ida, quando não anos na ida e volta, e dependiam das condições de navegação dos oceanos Índico e Atlântico. Quando as embarcações entravam na zona das calmariais equatoriais, podiam permanecer dias a fio, à deriva, sob o sol.

“Incontáveis são os males trazidos pela imensidão líquida. Elemento hostil, o mar é orlado de recifes inumanos e de pântanos insalubres e lança nas regiões costeiras um vento que impede as culturas. Mas é igualmente perigoso quando jaz imóvel sem que o sopro o ondule. Um mar calmo pode significar a morte para os marítimos bloqueados, vítimas de uma *fome voraz* e de uma *sede ardente*”.<sup>52</sup>

Mas se a deriva pode levar a perdição, também pode levar à salvação. O verbo derivar, “desviar do seu curso, mudar a direção, dirigir para outro ponto”<sup>53</sup>, também significa originar. Se Cristóvão Colombo não tivesse ficado à deriva,

<sup>48</sup> Manuel de Mesquita PERESTRELO. *Op. Cit.* p. 76.

<sup>49</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* p. 95.

<sup>50</sup> Paulo MICELI. *Op. Cit.* 1994. p. 143.

<sup>51</sup> Manuel RANGEL. *Relato do naufrágio da nau Conceição...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p. 115.

<sup>52</sup> Jean DELUMÉAU. *Op. Cit.* pp. 41-42.

<sup>53</sup> Cf. Aurélio BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA. *Dicionário Aurélio Eletrônico. Século XXI. Versão 3.0 - Novembro de 1999.*

errado a rota, não teria originado, descoberto, a América. A palavra deriva adquirir aí um significado positivo, e não mais negativo.

“O barco se apresenta então como o lugar maléfico por excelência. Entre seus flancos de madeira úmida acumulam-se os germes da fermentação e da putrefação, no fundo do abismo negro e fétido do porão, a latrina concentra todos os miasmas. Dos navios, afirma-se, surge frequentemente a infecção, emerge a epidemia. A nave no porto ameaça a saúde da cidade. O mar faz apodrecer os marujos. A travessia provoca o escorbuto, doença de alcance simbólico que deteriora a carne de suas vítimas. A decomposição dos alimentos embarcados, a descoberta das doenças exóticas, levam a comparar o navio ao monstro”.<sup>54</sup>

A medida que as embarcações iam descendo em direção ao Hemisfério Sul – e também nas subidas em direção ao Hemisfério Norte – os navegadores sofriam os efeitos das variações climáticas, e eram acometidos pelas doenças exóticas dos Trópicos de Câncer e de Capricórnio, entre elas, o escorbuto.

“Fosse o escorbuto, fossem as doenças pleuropulmonares (prioris), frequentes nas regiões mais frias, fosse o mal das calmarias, habitual na costa da Guiné, ou toda uma infinidade de doenças das quais nem o nome se guardou, o fato é que elas foram sempre passageiras sinistras a cobrir de sombra a vida de bordo”.<sup>55</sup>

O escorbuto ou mal de Luanda ou mal das gengivas, como é denominado pelos portugueses, devido ao apodrecimento das gengivas, é provocado pela carência de ácido ascórbico ou vitamina C, encontrado nas frutas frescas, inexistentes nas viagens marítimas com dietas a base de biscoitos, carnes e peixes secos, e animais abatidos a bordo.

Pirard de Laval, em seu *Voyage de Pyrard de Laval aux Indes orientales, 1601-1611*, escreve que

“Ela aparecer por falta de lavar-se, limpar-se e mudar de roupas, a corrupção das águas doces e dos víveres, e lavar-se com água do mar. As gengivas ficam ulceradas e negras, a carne solta, e os dentes abalados e deslocados, e a maior parte deles cai. O incômodo é bem maior que a dor. De modo que frequentemente se morre falando, bebendo e comendo, sem ter tomado conhecimento da própria morte”.

<sup>54</sup> Alan CORBIN. *Op. Cit.* p. 26.

<sup>55</sup> Giulia LANCIANI. *Uma história trágico-marítima*. IN: Michel CHANDEIGNE (org.). *Op. Cit.* p. 146.

A palavra mar tem a mesma raiz latina *mer* que a palavra morrer. Por isso, a cartografia dos descobrimentos marítimos ibéricos em África, Ásia e América através dos oceanos Índico e Atlântico nos séculos XV e XVI seria menos curiosa sem o medo que o português sentia da morte no mar, desnaturada. O mar “alimenta o temor de sermos surpreendidos pela morte imprevisível privada dos últimos sacramentos”<sup>56</sup>, entre eles, o da extrema unção. Há um provérbio português que diz, “quem quer aprender a rezar, que entre no mar”.

Desenganados da salvação dos corpos, as pessoas se confessavam aos padres que viajavam nas embarcações, pela salvação das almas.

“Pelo que, como homens que esperávamos antes de poucas horas dar conta a Nosso Senhor de nossas bem ou mal gastadas vidas, cada um começou de a ter com a sua consciência, confessando-se sumariamente a alguns clérigos que aí iam. A este tempo andavam com retábulo e crucifixo nas mãos, consolando nossa angústia com a lembrança daquela que ali nos apresentavam. Isto acabado, pedíamos perdão uns aos outros, despedindo-se casa um de seus parentes e amigos, com tanta lástima como quem esperava ser aquelas as derradeiras palavras que teriam neste mundo”.<sup>57</sup>

Esses navegadores tem a convicção de que a tempestade não poderia ser fortuita, eles reconhece aí a mão do Diabo. Portanto, ela não se apazigua por si mesma.

“Daí a necessidade de exorcizar o oceano furioso: o que os marinheiros portugueses faziam recitando o prólogo do Evangelho de São João (que figura no ritual do exorcismo) e os marinheiros da Espanha e de outros lugares, mergulhando relíquias nas vagas”.<sup>58</sup>

“O caráter demoníaco do mar em fúria justifica o exorcismo”.<sup>59</sup>

O desembarque num litoral, o que, a princípio, trazia uma certa esperança, poderia ser o começo de um longo exílio em terra.

“Todos que escapavam da morte no mar, pensando ter tido sorte em sobreviver, estavam apenas no início de um longo martírio. As dores do naufrágio eram apenas o princípio de um

<sup>56</sup> Alain CORBIN. *Op. Cit.* p. 18.

<sup>57</sup> Manuel de Mesquita PERESTRELO. *Op. Cit.* p. 34.

<sup>58</sup> Jean DELUMEAU. *Op. Cit.* p. 50.

<sup>59</sup> Alan CORBIN. *Op. Cit.* p. 17.

sofrimento muito mais intenso, marcado pela fome, pelo medo e por inúmeras dificuldades”.<sup>60</sup>

“Difícilmente sobreviviam à falta de víveres, ao frio ou calor escaldante das matas, ao regime de marchas forçadas em busca de socorro e aos constantes ataques dos nativos”.<sup>61</sup> Porque o mar desaguava em lugares insólitos, incomuns, inabituais, habitados pelo estranho, pelo estrangeiro, pelo desconhecido: o Outro.

Portanto, as pessoas agradeciam a Deus suas provações durante as viagens marítimas e as peregrinações terrestres.

“Amigos e senhores, bem vedes o estado a que por nossos pecados somos chegados, e eu creio que os meus só bastavam para por eles sermos postos em tamanhas necessidades, mas é Nosso Senhor tão piedoso que ainda nos faz tamanha mercê, que nos não fôssemos ao fundo naquela nau, prazerá a ele que, pois foi servido de nos levar a terra de cristãos, haverá por bem que seja para salvação de suas almas. E assim todos juntos, quererá Nosso senhor para sua misericórdia, ajudar-nos”.<sup>62</sup>

Mas,

“Para os camponeses-pescadores das aldeias e vilas do litoral atlântico, o mar era uma realidade bem presente e integrada nos quotidianos sociais. Definia um meio de subsistência explorado pela pesca e pela extração do sal. Correspondia a um elemento natural cuja periculosidade e imprevisível mutabilidade não impediam a navegação costeira e as práticas de cabotagem”.<sup>63</sup>

Portanto, para essas populações litorâneas, o Oceano Atlântico era um espaço que complementava o labor agro-pastoreiro do interior, e que inseria Portugal em duas rotas comerciais marítimas, a do Mar Mediterrâneo e a do Atlântico Norte.

“O mar tornou-se, progressivamente, num elemento natural, familiar e sereno, ao mesmo tempo que progredia o seu conhecimento e se reintroduziam ou adaptavam os saberes, as técnicas e as rotas oceânicas herdadas das antigas navegações romanas, celtas e muçulmanas”.<sup>64</sup>

<sup>60</sup> Fábio Pestana RAMOS. *Op. Cit.* p. 44.

<sup>61</sup> *Idem. Ibidem.* p. 45.

<sup>62</sup> Bernardo Gomes de BRITO. *Relação da perda do galeão "S. João"... Op. Cit.* p.12.

<sup>63</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* p. 97.

<sup>64</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* pp. 102-103.

O território português se divide em três regiões geográficas: o interior, e o Norte Atlântico e o Sul Mediterrâneo, que se cruzam numa espécie de “bipolaridade de espaços marítimos”.<sup>65</sup>

“Posição realmente singular, que, por um lado, colocou esta face atlântica da Península Ibérica entre os pontos extremos (os *finisterrae*) do Mundo Antigo, e que, por outro, fez dela uma espécie de cais de embarque, de onde saiu o movimento de expansão que garantiu à Europa uma projeção única sobre o resto do Globo”.<sup>66</sup>

“Há um *primeiro Atlântico* definido *meridianamente*, com raízes antigas, e um *segundo Atlântico* que se estende *horizontalmente* no quadro da expansão mediterrânea para ocidente”.<sup>67</sup> “Assim, o Atlântico é *caminho*”<sup>68</sup>, que deixa para trás os *Mediterrâneos*.<sup>69</sup> Portanto,

“Se o Oceano é espaço de fronteira, é-o na dupla dimensão em que os horizontes sempre funcionam aos olhos dos homens: limite e convite, contenção e esperança, consciência de espaço que se acaba e presunção do que está para além, numa bivalência que atua tanto no plano elementar das realidades cotidianas quanto no plano etéreo do imaginário”.<sup>70</sup>

### 3.2. AS HAGIOGRAFIAS MEDIEVAIS

Os navegadores e os pescadores rogavam, suplicavam, pediam ajuda a protetores sobrenaturais mais específicos, mais particulares, mais peculiares ao ibéricos, os santos cujas histórias de vida, as hagiografias, relatavam como eles tinham sobrevivido as mesmas tempestades, aos mesmos naufrágios que amedrontavam, atemorizavam esses homens.

“Nesse contexto, intensifica-se a devoção a santos cujas peregrinações implicavam a travessia de caudalosos rios numa época de escassas pontes, como também chamado em socorro dos

<sup>65</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 29.

<sup>66</sup> Gaetano FERRO. *Op. Cit.* pp. 49-50.

<sup>67</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 30.

<sup>68</sup> *Idem. Ibidem.* p. 9.

<sup>69</sup> *Idem. Ibidem.* p. 9.

<sup>70</sup> *Idem. Ibidem.* p. 9.

marinheiros e navegantes nessas outras estradas que eram as ondas oceânicas”.<sup>71</sup>

O mar também era o lugar onde se atribuía aos santos “proezas outrora recordadas como tendo sido protagonizadas por Ulisses”<sup>72</sup>, cristianizando “temas relativos às navegações dos heróis da Antiguidade”.<sup>73</sup>

“Ao mesmo tempo em que se procurava atualizar a lembrança da geografia das aventuras destes últimos, não raro se contando, como eles também tinham atuado nas costas atlânticas. Como também já o afirmavam os geógrafos árabes, a Ibéria fora politicamente unificada por Hércules”.<sup>74</sup>

Os ibéricos eram *naturalmente* religiosos, eram vinculados à religião, e não à Igreja. Viviam a religião de forma ativa, não contemplativa, portanto, tinham uma necessidade de afirmação visível da fé: era do seio fecundo de seu povo que saíam os santos padroeiros de suas cidades e protetores de suas viagens.

“São ao mesmo tempo inventivos e independentes: adoram com paixão: mas só adoram aquilo que eles mesmos criam, não aquilo que se lhes impõe. Fazem a religião, não a aceitam feita. Ainda hoje duas terças partes da população espanhola ignora completamente os dogmas, a teologia e os mistérios cristãos: mas adora fielmente os santos padroeiros das suas cidades: porque? Porque os conhece, porque os fez”.<sup>75</sup>

Lucien Fèbvre dizia:

“Milagres! Havia-os por todos os lados, nesse tempo, todos os dias, a todas as horas, em todos os lugares, a propósito de tudo. E ninguém os ignorava. A literatura estava cheia deles. Ainda mais os folhetos populares, os livrinhos piedosos que editores especiais publicavam aos milhares, toda literatura de prodígios, de sinais celestes, de versos miraculosos que não guardamos senão ínfimos restos, e que satisfazia abundantemente esse gosto da aventura maravilhosa, essa ávida credulidade dos nossos antepassados”.<sup>76</sup>

<sup>71</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* pp. 102-103.

<sup>72</sup> *Idem. Ibidem.* p. 100.

<sup>73</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 99-100.

<sup>74</sup> *Idem. Ibidem.* p. 100.

<sup>75</sup> Antero de QUENTAL. *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos.* IN: Joel SERRÃO. *Prosas sócio-políticas.* Coleção Pensamento Português. p. 259.

<sup>76</sup> João da Rocha PINTO. *Os signos de Deus e o expansionismo português.* IN: António Mega FERREIRA; José Sarmento de MATOS. *Revista Oceanos*, nº 13. *Medos, fantasias e visões.* Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, março de 1993. p. 44.



Inicialmente, as histórias de vida dos santos, principalmente os portugueses – como “a vida de Santa Iria, a grande mártir do Nabão, que lá está esculpida em pedra na cidade de seu suplício, Tomar, e também na capelinha do Tejo à sombra de Santarém”<sup>77</sup> – eram propagadas boca-a-boca, nas romarias e festas religiosas nos santuários e nas capelas e igrejas de Portugal. Mas com o aparecimento da imprensa essas hagiografias, os *Flos Sanctorum*, como eram denominadas, vão ser largamente publicadas.

“As hagiografias, fontes de exemplares vidas, eram necessárias, em reimpressões frequentes, para servir de exemplo aos cristãos, cuja ambição devia ser copiar os feitos dos santos para atingir, ele também, a perfeição”.<sup>78</sup>

A geografia peregrinada ou navegada por esses santos é descrita como uma *via-crucis*, o caminho da Cruz que percorreu Jesus, um verdadeiro martírio para sustentar a fé cristã. A água do rio ou do mar simboliza a iniciação nos mistérios cristãos a que esses santos são submetidos para chegar ao outro lado da margem purificados. “Tudo aponta na direção do crescimento interior, ascético”<sup>79</sup>, para o autoconhecimento.

“É o encontro físico e é também o encontro interior que coroa a santidade. É também o espaço onde o homem se encontra com ele próprio, na superação do obstáculo, no esforço, na viagem. À medida que o homem santo vai resistindo aos tormentos – fome, sede, frio, calor, angústia, tristeza e grandes temores – vai crescendo a sua divina felicidade”.<sup>80</sup>

“Assistiu-se então, a proliferação de práticas e vivências religiosas destinadas a assegurar aos crentes um oceano que fosse caminho e estrada onde se obtinha não só o peixe e o sal utilizado nas trocas locais e regionais, como as mercadorias ligadas ao grande comércio e aos seus proveitos”.<sup>81</sup>

“Os clérigos letrados libertavam o mar dos seus congênitos e estruturais demônios, afastavam suspeitas sobre os fundamentos religiosos e elaboravam doutrina apta a enquadrar e a apoiar as navegações e rotas comerciais e oceânicas”.<sup>82</sup>

<sup>77</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Hagiografia Medieval Portuguesa*. Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984. p. 11.

<sup>78</sup> *Idem. Ibidem.* p. 81.

<sup>79</sup> Luís Adão da FONSECA. *Op. Cit.* p. 24.

<sup>80</sup> *Idem. Ibidem.* p. 25.

<sup>81</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* pp. 100-101.

<sup>82</sup> Luis KRUSS. *Op. Cit.* p. 100.

“Assim, nesses mapas, o mar afirma-se como espaço de memória sagrada e como território percorrido por santos que nele deixam presença e relíquias à espera de devotos e peregrinos. O oceano surge então cristanizado, lembrado pelos eleitos que seguiam suas rotas e que nele chegaram a procurar e a encontrar o Paraíso”.<sup>83</sup>

Os fenômenos climáticos também não eram vistos como naturais, como o *Fogo-De-Santelmo*, santo invocado pelos navegadores em noites de lua nova para protegê-los quando, devido a uma tempestade em alto-mar, aparecia uma luz fantasmagórica em cima do mastro da embarcação.

“Tem todos os homens do mar tamanha devoção e veneração ao bem-aventurado São Frei Pêro Gonçalves, e o tem por tão seu advogado nas tormentas do mar, que crêem de todo o seu coração que aquelas exalações, que nos tempos fortuitos e tormentosos aparecem sobre os mastros ou em outras partes das naus, são o Santo que nos vem visitar e consolar. E afirmam que quando aparecem nas partes altas e são duas, três, ou mais aquelas exalações que é sinal que lhes dá de bonança, mas se aparece uma só, e pelas partes baixas, que denuncia naufrágio”.<sup>84</sup>

Na verdade, o *Fogo-De-Santelmo* é uma descarga elétrica. O casco de uma embarcação em alto-mar em alto-mar é atritado pela água, o que faz com que ele fique com uma carga estática negativa, de elétrons. O mastro de uma embarcação em alto-mar em alto-mar é atritado pelo vento, o que faz com que ele fique com uma carga estática positiva, de prótons. Quando, devido a uma tempestade, há uma nuvem carregada, os elétrons do casco são atraídos pelos prótons do mastro, onde aparece uma ionização azulada. Essa chama é visível a olho nu, mas somente em noites sem luar, já que o seu brilho é ofuscado pela claridade do sol.

Em Portugal, muitas embarcações eram batizadas com o nome de Santelmo ou carregavam a imagem desse santo milagroso, para atrair a boa sorte, a fortuna. “A festa deste Santo se faz e celebra nas oitavas da Páscoa, e aquele dia é o maior triunfo de todos os pescadores que todos os outros, e em que eles fazem os maiores gastos e despesas que em todos mais”.<sup>85</sup>

<sup>83</sup> *Idem. Ibidem.* p. 99.

<sup>84</sup> Bernardo Gomes de BRITO. *Relação do naufrágio da nau Santa Maria da Barca...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p.170.

<sup>85</sup> Bernardo Gomes de BRITO. *Relação do naufrágio da nau Santa Maria da Barca...* IN: Bernardo Gomes de BRITO (org.). *Op. Cit.* p.170.

“Esta pequena luz, que estes mareantes portugueses veneram em nome de São Frei Pêro Gonçalves, e os estrangeiros no de Santelmo, é de tão antiga veneração que já em tempo dos gregos se celebrava, porque muitos autores seus contavam, quando aqueles famosos Argonautas iam na demanda do Velocino de Ouro, em uma grande tormenta que tiveram no mar apareceu aquela luz sobre a cabeça de Cástor e Pólux, e logo lhes cessou a tormenta, o que moveu aos homens a terem esses dois irmãos em tanta veneração, que os contaram no número dos deuses. E assim Plínio, no segundo livro da Natural História, falando nesta luz afirma que se via muitas vezes nas pontas das lanças dos soldados em os exércitos, e que a mesma aparecia em naus, e lhe chamaram *Stella Castoris*”.<sup>86</sup>

O Reino Unido, a Inglaterra e a Escócia, e a Irlanda, duas ilhas do Atlântico Norte, foram o “celeiro” de monges que, como eremitas, viveram isolados da Europa continental medieval. Um desses santos foi São Brandão, um monge irlandês que encontrou o “Paraíso Terrestre” em uma ilha no Atlântico Norte. Nota-se que o santo não procurou o “Paraíso Terrestre” no Oriente, e sim no Ocidente, no Oceano Atlântico. A Ilha de São Brandão é comumente confundida com a Ilha das Sete Cidades, cuja lenda nasceu em Portugal de onde um arcebispo e seis bispos teriam partido em direção ao Atlântico Norte. Conta a lenda que sete bispos embarcaram para a ilha onde cada um fundou uma cidade. As Ilhas de São Brandão aparecem pela primeira vez na cartografia no mapa de Hereford, de 1275: *Fortunatae insulae sex sunt insulae Sct Brandani* (seis das ilhas Afortunadas são ilhas de São Brandão).

A *Navigatio sancti Brendani Abbatis* (Navegação de São Brandão, o Abade) foi escrita por monges irlandeses.

“Conta que São Brandão recebeu um dia a visita de um enviado de Deus que o informa da existência de uma *terra repromissionis*, terra de redenção, habitada por aqueles que merecem a vida eterna, ou seja, o Paraíso. Ele se lança numa odisséia que durará sete anos. No primeiro ano abordam a *Ilha selvagem*, onde a Divina Providência lhes proporciona uma opulenta refeição, prosseguem viagem até a *ilha dos Carneiros*, onde capturam um cordeiro que oferecerão em sacrifício na Páscoa”.<sup>87</sup>

“Lá eles ficaram da Quinta-feira Santa ao Sábado de Aleluia. Um morador da ilha trouxe comida e disse que eles deveriam visitar uma ilha vizinha no Domingo de Páscoa e, em seguida,

<sup>86</sup> *Idem. Ibidem.* p.170.

<sup>87</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 203-206.

desembarcar numa outra chamada Paraíso das Aves, ficando por lá até o oitavo dia de Pentecostes”.<sup>88</sup>

“Durante a semana santa, desembarcam na *Ilha nua*, mas, ao acender uma fogueira, se dão conta de que estão sobre o dorso de um enorme peixe que logo os lança ao mar”.<sup>89</sup>

“Assim que o fogo começou a pegar para valer, a ilha tremeu e saiu do lugar. Os monges, em pânico, correram de volta para o barco. Ainda deu tempo para ver a ‘ilha’ partindo pelo mar afora, com o fogo queimando. São Brandão disse que aquela ilha era, na verdade, o maior peixe do oceano, chamado *Jasconius*”.<sup>90</sup>

“Chegam, finalmente, à *ilha dos Pássaros*, onde o canto de milhares de aves, mensageiros de Deus, lhes anunciam que deverão navegar ainda mais seis anos”.<sup>91</sup>

“Por sete anos São Brandão repetiria esse ciclo: passaria a Quinta-feira Santa na Ilha dos Carneiros, a Páscoa na baleia, o período da Páscoa até Pentecostes no Paraíso das Aves e o Natal na comunidade de São Ailbe”.<sup>92</sup>

“A profecia se cumpre. Seis vezes eles retornarão ao peixe chamado *Jasconius* para celebrar a missa de Páscoa, abstendo-se, a partir de então, de acender uma fogueira”.<sup>93</sup>

“Depois de completar mais um ciclo completo entre as ilhas, os viajantes viram pela primeira vez uma enorme torre de cristal no meio do mar. No caminho, passaram por lugares incríveis: uma ilha cheia de lava”.<sup>94</sup>

“Posteriormente atravessam um mar gelado, passam diante de uma coluna de cristal, e depois diante de uma ilha que desprende uma fumaça com forte cheiro de enxofre e cujos rios de fogo se precipitam no mar”.<sup>95</sup>

“Depois, São Brandão visitou uma outra ilha, onde encontrou um eremita, de 140 anos, vivendo dentro de uma caverna. O eremita aconselhou São Brandão a apanhar bastante água da caverna, pois teriam uma longa viagem pela frente. Levariam quarenta dias de volta a Ilha dos Carneiros e ao paraíso das Aves, e

<sup>88</sup> Geraldo CANTARINO. *Op. Cit.* pp. 161-166.

<sup>89</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 203-206.

<sup>90</sup> Geraldo CANTARINO. *Op. Cit.* pp. 161-166.

<sup>91</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 203-206.

<sup>92</sup> Geraldo CANTARINO. *Op. Cit.* pp. 161-166.

<sup>93</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 203-206.

<sup>94</sup> Geraldo CANTARINO. *Op. Cit.* pp. 161-166.

<sup>95</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 203-206.

mais quarenta até a Terra Prometida dos Santos, onde ficariam outros quarenta dias. Depois, Deus os levaria, são e salvos, de volta à Irlanda. Conforme previsto, São Brandão e os monges percorreram mais um ciclo e ao chegarem à Ilha dos Carneiros o morador que havia ajudado antes disse que dessa vez embarcaria com eles, pois só assim conseguiriam chegar à Terra Prometida dos Santos. E, assim sendo, eles seguiram viagem até que um forte nevoeiro tomou conta do mar. O morador da Ilha dos carneiros disse que aquele nevoeiro estava sempre em torno da terra que São Brandão procurava há sete anos. Os monges desembarcaram numa terra ampla, com muitas árvores carregadas de frutos. Comeram frutas, beberam água e exploraram aquela terra durante quarenta dias, sem nunca chegar ao seu fim”.<sup>96</sup>

“O anjo os conduz então para o cimo de uma montanha, a fim de que possam contemplar o paraíso e suas maravilhas, dizendo-lhes: *Brendan, rogaste tão ardentemente a Deus que te permitisse contemplar seus Paraíso antes que chegue a tua hora e Ele atendeu aos teus rogos. Mas não podes ir mais longe. Deves agora retornar sobre teus passos.* Antes que brendan e seus discípulos empreendam o caminho de volta, o anjo sugere que colham frutas e pedras preciosas para que todos saibam na Hibernia (Irlanda) que *eles realmente abordaram a terra prometida aos santos e aos justos*”.<sup>97</sup>

O mais antigo registro da narrativa de viagem de Santo Amaro é o *Conto português de Santo Amaro*, do século XV.

“O santo se entrega ao mar com 16 companheiros depois de receber ordem para tal de uma voz misteriosa. Chegam a uma pequena ilha habitada por um eremita, a uma ilha grande habitada por homens luxuriosos, atravessam o Mar Vermelho, aportam em uma ilha habitada por pessoas longevas, vêem-se em uma região de calmaria, onde animais marinhos devoram os corpos dos tripulantes de sete naus encalhadas, onde Amaro e seus companheiros são salvos pela Virgem que desce do céu em seu socorro, o santo e sua companhia chegam então a uma *terra* chamada *Ilha Deserta*, na qual encontram uma grande abadia e Amaro recebe de um eremita sua primeira orientação objetiva de viagem: ir contra o nascer do sol. Chegam enfim a uma *terra* onde o santo finalmente irá encontrar o Paraíso Terrestre. Ali, Amaro deixa seus companheiros e segue sozinho em sua busca. A certa altura encontra Leomites, um eremita. Depois de passar 40 dias em um mosteiro no Vale das Flores, o santo recebe instruções para se deslocar. Depois de viajar pela costa e atravessar um rio, Amaro chega a um vale, onde encontra dois eremitas e um mosteiro feminino chamado Flor das Damas. Nele, depois de longa penitência, é visitado por Válides,

<sup>96</sup> Geraldo CANTARINO. *Op. Cit.* pp. 161-166.

<sup>97</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* pp. 203-206.

uma eremita que o conduz a base da montanha do Paraíso Terrestre. Amaro sobe a montanha e chega aos portões do Paraíso, onde descobre que não lhe será permitido entrar. De fora, o santo vê uma corte festiva no centro da qual impera a Virgem. Fora daquele lugar especial haviam se passado 267 anos. Sabendo disso, Amaro pede ao guarda que lhe dê uma escudela com a terra do lugar. O santo volta para o local em que deixara seus companheiros de viagem. Lá encontra tudo mudado e resolve partir com um novo grupo. Ao chegarem em uma terra excepcionalmente boa, Amaro semeia a terra que trouxera consigo. Nela, o santo morre em paz”.

<sup>98</sup>

Santo Amaro era um santo muito invocado em proteção pelos marinheiros devido à extensão geográfica de sua viagem que atravessou o Mar Vermelho e o Mediterrâneo, e terminou em uma ilha do Atlântico Norte, onde ele encontrou o “Paraíso Terrestre”. Uma característica moderna da viagem de Santo Amaro que a diferencia das viagens antigas e medievais é que, ao seu término, o santo não retorna ao local de partida, a sua origem. Mas escolhe o Oceano Atlântico como sua última morada terrena, pré-anunciando a Conquista, a colonização, e a “civilização” das terras americanas.

São Cristóvão é o patrono dos viajantes.

“Cristóvão, antes do batismo, chamava-se Réprobo. Cristóvão era de linhagem Cananéia, de estatura elevada e ereta, rosto feio e aparência assustadora. Tinha doze cúbitos de comprimento, e lemos em algumas histórias que, quando estava a serviço do rei de Canaã, vivendo junto a ele, veio-lhe à mente procurar o maior príncipe existente no mundo e a ele servir e obedecer. Certa vez, um menestrel cantou perante ele uma canção na qual citava constantemente o demônio, e o rei, que era um homem cristão, ao ouvi-lo mencionar o demônio, traçou o sinal da cruz em sua fronte. E quando Cristóvão viu isso, ficou curioso em saber que sinal seria aquele e para que o rei o fizera, e lhe perguntou isso. Então o rei lhe explicou, dizendo: *Sempre que ouço mencionarem o demônio, temo que ele possa ter poder sobre mim, e eu me previno contra ele com este sinal, a fim de que não me faça mal e não me perturbe.* Então, Cristóvão lhe disse. *Temeis que o demônio vos possa fazer mal? Então, o demônio é mais poderoso e maior do que vós. Por isso, fui enganado em minha esperança e em meu plano, pois supunha ter encontrado o maior e o maior poderoso senhor do mundo, mas eu vos recomendo a Deus, porque vou procura-lo para que seja o meu senhor, e eu, o seu servo.* E quando passava por um grande deserto, avistou um grande séqüito

<sup>98</sup> Neri de Barros ALMEIDA. *Em busca do PARAÍSO*. IN: Paulo MICELI (org.). *Op. Cit.* 2006. pp. 34-35.

de cavalheiros, no meio dos quais se destacava um cavaleiro cruel e horrível que, aproximando-se dele, lhe perguntou qual era o seu destino, e Cristóvão, respondendo, disse-lhe: *Estou à procura do demônio, para que seja o meu senhor*. E ele lhe respondeu: *Eu sou quem procuras*. E indo os dois juntos pelo mesmo caminho, encontraram nele uma cruz erguida. O demônio, ao avistar a cruz, logo ficou apavorado e fugiu, deixando o caminho normal, e, fazendo um grande desvio, fez Cristóvão passar por um deserto árido. Quando Cristóvão perguntou porque hesitara e abandonara o caminho principal e limpo e entrara num deserto assim tão árido, o demônio não quis lhe explicar de forma alguma. Ao que o demônio se viu obrigado a lhe contar, dizendo-lhe: *Havia um homem chamado Cristo que foi suspenso numa cruz, e, quando vejo o seu sinal, fico apavorado e fujo dele, onde quer que o veja*. Cristóvão disse-lhe: *Então, ele é maior e mais poderoso que tu, já que tens medo do seu sinal, e eu, agora, por não ter encontrado o maior senhor do mundo, compreendo bem que trabalhei em vão. E eu não mais servirei a ti, segue, pois, teu caminho, pois eu vou à procura de Cristo*. E após ter, durante muito tempo, procurado e perguntado onde poderia encontrar Cristo, finalmente, chegou a um grande deserto, até onde habitava um eremita, e este lhe falou de Jesus Cristo e o instruiu diligentemente na fé e lhe disse: *Como és de estatura nobre, elevada e forte em teus membros, deves morar perto daquele rio, e transportarás pelo mesmo todos quantos por ele precisarem passar, o que será algo muito agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem desejas servir, e eu espero que Ele se mostrará a ti*. E certa vez, quando dormia em sua choupana, ouviu uma voz de criança que o chamava e dizia: *Cristóvão, sai de dentro e vem carregar-me até a outra margem*. Pela terceira vez, foi ele chamado e, saindo, viu uma criança à beira do rio, que lhe pediu por favor que o transportasse para a outra margem. E a água do rio subiu e aumentava cada vez mais, e a criança pesava como chumbo, e a cada passo que dava rumo ao centro do rio, a água aumentava e crescia cada vez mais, e a criança tornava-se mais pesada ainda, a tal ponto que Cristóvão ficou muito angustiado e temia vir a afogar-se. Por fim, conseguiu escapar daquela situação com grande esforço, fez a travessia e colocou a criança no chão, e disse a ela: *Menino, puseste-me num grande perigo, pesas tanto como se tivesse o mundo sobre os meus ombros: não poderia carregar um peso maior*. E o menino respondeu: *Cristóvão, não te espantes, pois não só carregaste o mundo inteiro em teus ombros, como também carregaste Aquele que criou e fez o mundo inteiro. Eu sou Jesus Cristo, o Rei, a quem serves neste mundo*".<sup>99</sup>

Porque Colombo nomeia as terras que descobre? Porque o ato fundador do imperialismo cristão é o batismo. Depois de sua primeira viagem de “descobrimento” da América, Colombo passa a assinar em grego *Christós*, que

<sup>99</sup> <<http://pt.wikipedia.org>> acesso em: abril. 2007.

significa “o que foi ungido”, e acrescenta, em latim, *feréns. Christós-feréns*, Christófer, Cristóvão, Cristóvão Colombo, o que suporta o peso do mundo sobre os ombros, o que carrega o mundo sobre os ombros, o que carrega Cristo através das águas, das águas do Oceano Atlântico.

Bartolomé de Las Casas, em seu *Historia de las Índias*, escreve que

“A Providência divina quer, geralmente, que as pessoas por Ela designadas para servir recebam nomes e sobrenomes adequados à tarefa que lhes é confiada, como se viu em muitos lugares na Escritura Santa, e o Filósofo diz, no capítulo IV de sua *Metafísica*: *Os nomes devem convir às qualidades e aos usos das coisas*. Por isso ele era chamado Cristobal, isto é, *Christum Ferens*, que quer dizer portador do Cristo, e é assim que ele assinava frequentemente, pois em verdade foi o primeiro a abrir as portas do mar Oceano, para fazer passar nosso salvador Jesus Cristo, até essas terras longínquas e reinos até então desconhecidos”.<sup>100</sup>

“Seu sobrenome foi Colón, o que quer dizer repovoador, nome que convém àquele cujo esforço fez descobrir essas gentes, essas almas em número infinito que, graças à pregação do Evangelho, irão todos um dia povoar a cidade gloriosa do Céu. Também lhe convém na medida em que foi o primeiro a trazer gentes da Espanha, para fundar colônias, ou populações novas que, estabelecendo-se junto aos habitantes naturais, deviam construir uma nova Igreja cristã e um Estado feliz”.<sup>101</sup>

O filho de Cristóvão Colombo, Fernando Colombo, vinculou o “mistério” do nome de seu pai ao batismo original:

“Se considerarmos o sobrenome comum de seus ascendentes, poderemos dizer que ele era realmente Colombo, ou Pombo, porque levou a graça do espírito Santo a esse Novo Mundo que descobriu, mostrando às gentes que não o conheciam quem era o amado filho de Deus, como o fez o Espírito Santo na figura do pombo quando São João batizou Cristo”.<sup>102</sup>

São Gonçalo do Amarante constrói uma ponte para ultrapassar um rio, em Amarante.

“Como a maioria dos santos, este jovem descendia de família abastada que o entregara, depois de orientada a sua educação no caminho sacerdotal, ao arcebispo de Braga para que o recebesse entre os rapazes da sua idade e chegada a altura o colocasse numa

<sup>100</sup> Tzvetan TODOROV. *Op. Cit.* pp. 30-31.

<sup>101</sup> *Idem. Ibidem.* p. 31.

<sup>102</sup> *Idem. Ibiem.* p. 122.



das igrejas da sua jurisdição. O rapaz denunciava desde o berço o seu pendor para a santidade – era mais um predestinado. Tomas as ordens e atinge o sacerdócio na abadia de Braga, que lhe destinaram. Aí dedica-se à Virgem *sabendo que nenhuma coisa de bem podemos cuidar ou obrar se não por ajuda de Deus* – tinha adquirido o saber, dominava o conhecimento e, predestinado, estava tranqüilo no seu *amor de Deus e do próximo que naqueles dois mandados toda a lei pende*. Eis se não quando o *inimigo antigo* resolve quebrar a serenidade daquele ser que, afinal, era humano. Decide-se o bom São Gonçalo a visitar os lugares santos, intenção a todos os títulos louvável. Para tal deixa a um sobrinho seu, com a confiança que geram a consanguinidade e o convívio íntimo, o cuidado das sua ovelhas e parte. É então que ele será objeto do engano, porque aquele sobrinho se modifica graças ao poder do diabo que *inflamou o coração de seu sobrinho*. *O coração do sobrinho pelo espírito diabólico enganado com falsas e sorradeiras letras confeitas se foi ao arcebispo, informando-o da morte de seu tio, com falsas testemunhas convocadas pedindo-lhe que o confirmasse naquela igreja vagante*. E o arcebispo acredita. Expulso de Braga, ele parte para Amarante onde edifica um oratório em honra da Virgem. Aí leva uma vida de ermitão recompensado com o aparecimento de Nossa Senhora, que o encaminhava para a ordem que viria a ser sua. Regressado à sua cela, vai São Gonçalo construir a obra que o relegará para a imortalidade. Junto a Amarante corre o rio Tâmega, rio muito perigoso, só a nau podendo ser passado naquele local. Ele consegue obra impossível: *considerando que as coisas aos homens impossíveis, eram possíveis a Deus começou a requerer as esmolas e convocar obreiros, por suas mãos ajuntando-os e grandes pedras que muitos não podiam mover para o edifício, só as puxava e levava, por se mostrar a todos que aquela coisa se fazia mais por virtude de Deus que por força corporal*. É durante a construção da ponte que São Gonçalo repetirá o milagre de Moisés ao fazer brotar água e vinho da rocha para desenterrar os obreiros sequiosos, e tal como Santo Antônio ele falará aos peixes que se lhe oferecessem para seu alimento: *chamava os peixes os quais a ele se apresentavam e parecia que por acenos lhe dizia que tomasse os necessários para si e para seus obreiros*. Assim se consuma, como obra sua, a feitura daquela ponte que ainda hoje serve Amarante, da mesma forma que permanece uma das fontes que São Gonçalo fizera brotar do chão: *o qual (buraco) até agora esta em testemunho de verdade aos que bem querem olhar. E a fonte de água ali achada de que recebem muitos cura de saúde de suas enfermidades*”.<sup>103</sup>

Quando a tempestade que põe em perigo os marinheiros, estes, em preces, imploram a ajuda de São Nicolau.

<sup>103</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.* pp. 109-112.

“Em 1254, Luís IX volta da Síria para a França com a rainha, Joinville e os que se salvaram da VII cruzada. O furacão surpreende os viajantes diante de Chipre. Os ventos são *tão fortes e tão horríveis*, o perigo de naufrágio tão evidente que a rainha implora a São Nicolau e lhe promete uma nave de prata de cinco marcos. É logo atendida. *São Nicolau*, diz ela, *nos protegeu desse perigo, pois o vento enfraqueceu*”.<sup>104</sup>

“São Nicolau era, como a maioria dos seres privilegiados das nossas hagiografias, filho de pais ricos e santos. Gerado quando seus pais eram novos, foi filho único porque a partir do nascimento deste filho os seus progenitores *mantiveram santa vida em castidade*. Desde o berço que a criança demonstra traços de santidade chegando ao ponto de não mamar nem às quartas-feiras nem às sextas-feiras. Crescido e mortos seus pais dedicou a fortuna não *em louvor do povo mas a serviço de Deus*. Chegou a bispo de Mirrea. Nessa terra adoravam a deusa Diana e prestavam-lhes louvores debaixo de uma árvore: *São Nicolau estranhou o costume dessa terra. Mandou cortar aquela árvore. E por essa razão o diabo foi muito assanhado contra ele e tomou a figura de uma mulher religiosa e foi-se a uns que iam pelo mar a São Nicolau*, convencendo-os por meio do engano que a máscara permitia, a levarem ao santo homem um óleo, (que era alcatrão), e com ele untarem a parede de sua igreja. Mas a malícia do diabo, apesar do disfarce de que se serviu, não passou despercebida aos olhos do servo de Deus e logo *virou outra nave com muitas companhias honradas entre as quais vinha uma que parecia muito servo de Deus* e que desmascarou aquela mulher: *aquela é a deusa diana e porque provei se vos digo a verdade, lançai esse óleo ao mar e logo o mar ardeu em fogo*”.<sup>105</sup>

“E vieram ao servo de Deus e disseram-lhe verdadeiramente tu és aquele que nos apareste no mar, e nos livraste da cilada que nos o diabo armou”.<sup>106</sup> De seu túmulo, jorram duas fontes: uma de óleo, outra de água: “outra fonte de água na cabeça e outra a seus pés que emana óleo até hoje”.<sup>107</sup>

São Nicolau aparece em visões e faz milagres:

“E nasceu-lhe um filho, e desde que foi criado mandou fazer um copo e porque era muito formoso o tomou para beber por ele. E mandou fazer outro copo que valesse tanto como aquele. E vindo-se pelo mar a cumprir sua promessa a São Nicolau mandou seu filho que trouxesse da água no vaso primeiro. E o moço querendo tomar água caiu no mar. E não apareceu. E o pai chorando cumpriu

<sup>104</sup> Jean DELUMEAU. *Op. Cit.* p. 42.

<sup>105</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.* pp. 95-96.

<sup>106</sup> *Idem. Ibidem.* p. 97.

<sup>107</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 98.

seu voto e veio a São Nicolau e ofereceu o vaso segundo e caiu do altar no chão e ofereceu-lhe a segunda vez e saiu do altar no chão e o alçou outra vez e foi mais longe, e maravilharam-se todos de tão grande feito. Vedes vê o menino são e salvo e trazia o vaso primeiro na mão e contou ante todos que quando caíra no mar que logo viera São Nicolau e o guardou e o tirou são. Pelo qual foi muito alegre e ofereceu ambos os vasos ao senhor São Nicolau”.<sup>108</sup>

Nota-se a semelhança entre o copo e o Santo Graal. “Salva das águas, como Moisés, esta criança é mais um elo que liga esta literatura hagiográfica ao seu intertexto, as Escrituras”.<sup>109</sup>

As duas principais fontes das hagiografia medievais são a bíblica e a clássica. A vida de São Julião, que matou seu pai e sua mãe, é uma hagiografia portuguesa com influência da mitologia grega, no caso, do mito de Édipo. Este tema é raro na tradição cristã, talvez pela gravidade do crime. São Julião é um dos raros santos que não inicia a sua carreira diegética já perfeito, que peca.

“Julião, novo Édipo cristão, é avisado por uma corça, perseguida durante uma caçada, de que virá a matar o pai e a mãe, e tal como o seu predecessor *escondidamente se partiu para uma terra muito alongada da sua natureza e se fez vassalo de um príncipe muito poderoso*. Na corte estrangeira onde se refugiara ele casa e vive feliz com uma mulher, esquecendo a ameaça da cerva. Entretanto os pais, que não se conformam com o desaparecimento do filho, partem pelo mundo a sua procura e acabam por descobrir o seu paradeiro. Chegando a casa do filho, em dia que este se encontrava ausente, apresentam-se à nora que os recebe de braços abertos, ignorando a sorte predestinada ao marido. Agasalha-os e, chegada a noite, oferece-lhes a sua própria cama. Julião chega a casa e indo a cama para acordar sua mulher achou os dormindo ambos e cuidado que era algum que lhe dormia com sua mulher degolou-os. E assim comete o parricídio que lhe estava destinado pelo *fatum*”.<sup>110</sup>

“É o verdadeiro herói trágico de que fala Aristóteles, aquele que não merece o destino que lhe está guardado, o qual além de o perseguir e aniquilar injustamente, o leva a realizar um crime predestinado, na ignorância da enormidade que comete, e que só depois de consumado lhe será revelado”.<sup>111</sup>

<sup>108</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.* pp. 98-99.

<sup>109</sup> *Idem. Ibidem.* p. 99.

<sup>110</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 103-104.

<sup>111</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.* p. 103.

Mas, assim como o herói grego ultrapassava o *métron*, as medidas, cometia uma *hýbris*, um pecado, e passava por um processo de *gnôtis autón*, de autoconhecimento, para atingir a *kátharsis*, a catarse, o santo, no caso, São Julião, seria perdoado.

“Jazendo uma vez Julião em sua cama a horas de meia-noite começou um pobre a brandar muito coitadamente que dizia *Julião vê me passar o rio*. Perante este chamamento angustiante, São Julião *passou o rio e achou o pobre para morrer e trouxe-o para sua casa e acendeu o fogo e aquetou-o e cuidando que o enfermo não morresse deitou-o em sua cama e cobriu muito bem e dai há pouco pareceu lhe o enfermo mais claro que o sol e subiu-se ao céu e disse a Julião sabe que Deus me mandou a ti porque saibas que ele recebeu tua penitência e logo desapareceu*”.<sup>112</sup>

São Francisco Xavier é padroeiro dos missionários e denominado de *apóstolo do Oriente*.

“São Francisco Xavier era filho de um nobre do Reino de Navarra, que exercera o cargo de embaixador extraordinário junto aos Reis Católicos Fernando e Isabel. Francisco cresceu assim, junto aos Pirineus, num ambiente de riqueza e de tradição. Desde cedo mostrou uma aguçada inteligência e uma crescente paixão pelo estudo. Aos 7 anos inicia os seus estudos colegiais em Gandia, Espanha, onde lhe é profetizado um futuro glorioso. Aos 14 anos entra no Colégio de Santa Bárbara, de Paris, para completar as disciplinas de filosofia, literatura e humanidades. Foi aqui que aprendeu a fundo as línguas francesa, alemã e italiana. No colégio de Santa Bárbara, firmou uma forte e íntima amizade com o seu colega Inácio, que entretanto seguia uma carreira militar. Entra na Universidade de Paris aos 18 anos. Forma-se, com distinção, em Latim, Filosofia e Humanidades. Após terminar esta formação, atinge a cátedra em Artes de Engenharia. Inácio abandona o exército em consequência de um grave acidente e junto a Francisco iniciam um conjunto de exercícios espirituais, imaginados pelo primeiro, com vista ao estudo da doutrina cristã e benefício da Humanidade. Depois de peregrinação pelos Lugares Santos, ingressam no Seminário de Veneza a 15 de Agosto de 1530, com o propósito de fundarem a milícia dos Filhos de Jesus. Em 24 de Junho de 1536, Francisco Xavier é ordenado sacerdote. Em Portugal, D.João III precisa de uma ordem de evangelizadores que, com a cruz na mão, levem a notícia desta nação de bravos e bons homens, aos recém descobertos povos de além-mar. Solicita ao Papa que lhe sejam destinados alguns Padres Jesuítas, atendendo às

<sup>112</sup> *Idem. Ibidem.* pp. 104-105.

suas afamadas técnicas de evangelização. Francisco Xavier acaba por ser o escolhido e com entusiasmo inicia a sua missão. No Oriente percorre Goa e depois as ilhas Molucas. As condições de vivência são difíceis, mas as feitorias Portuguesas começam a solidificar após a sua passagem. No Japão continua o seu percurso evangelizador e rapidamente entra nas relações das mais importantes famílias do Império do Sol Nascente. Fracassa no contacto com o Imperador e com o Shogum, que não aceitam os seus intentos religiosos. Mas se no plano religioso não consegue convencer o Imperador do Japão, no plano político é um hábil negociador, abrindo portas aos acordos comerciais com quase todo o Oriente. Segue-se a Etiópia, onde conquista o Imperador e a Imperatriz, movendo-se com facilidade nos círculos de poder da nação. Doente e cansado retorna a Goa a 6 de Maio de 1551, com 44 anos de idade. Morre, na madrugada de 3 de Dezembro de 1552, numa humilde esteira de vimes abraçado ao crucifixo que o velho amigo Inácio, um dia, lhe tinha oferecido. A 25 de Outubro de 1605, o papa Paulo V beatifica o Padre Francisco Xavier que passa a São Francisco Xavier em 12 de Março de 1622, canonizado pelo papa Gregório XV”.<sup>113</sup>

Em sua *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto narra que conheceu São Francisco Xavier e que estava em Goa – capital das “Índias portuguesas”, a Índia Portuguesa às vezes é referida apenas como Goa –, à espera da “carreira das Índias” para levá-lo de volta a Portugal, quando chegou a notícia da sua morte. Fernão Mendes Pinto foi reconhecido como amigo de São Francisco Xavier e escolhido para trazer os seus restos mortais para um segundo enterro na Europa, mas, quando o caixão foi aberto, seu corpo estava incorrupto. Fernão Mendes Pinto se converteu então à Companhia de Jesus, a quem entregou toda a sua fortuna.

Fernão Mendes Pinto (1510 – 1583), autor de *A Peregrinação*, viveu vinte e um anos, entre 1537 e 1558, no Oriente.

“Foi escravo, soldado, mercador, pirata, embaixador, missionário, médico’ ou, em suas próprias palavras, conheceu ‘trabalhos, cativeiros, fomes, perigos e vaidades’, em um intrincado roteiro que abrangera os reinos da Etiópia, China, Tartária, Japão e ‘uma grande parte das Índias Orientais’”<sup>114</sup>,

que os geógrafos denominam de “a pestana do mundo”. Fernão Mendes Pinto foi contemporâneo da acessão e queda do Império Português, portanto, *A*

<sup>113</sup> <<http://universocatolico.com.br>> acesso em: abril. 2007.

<sup>114</sup> Luiz Costa LIMA. *O Redemoinho do Horror. As Margens do Ocidente*. São Paulo: editora Planeta do Brasil, 2003. p. 86.

*Peregrinação* problematiza o Oriente buscando respostas para essa decadência do Ocidente.

*A Peregrinação* não é uma narrativa geográfico-histórica do Oriente, mas uma “visão de mundo” antropológica sobre os orientais, minoritariamente descritiva e majoritariamente valorativa. Fernão Mendes Pinto reconhece que o “olhar” do Outro não é o mesmo que o seu, o relativismo, a pluralidade cultural, a alteridade.

“Temo que os que quiserem medir o muito que há, pelas terras que eles não viram, com o pouco que vêem, nas terras em que se criaram, queiram pôr dúvida, ou porventura negar de todo crédito, àquelas cousas que se não conformam com seu entendimento, e com a sua pouca experiência”<sup>115</sup>.

O que Fernão Mendes Pinto teme são os olhos sedentários.

*A Peregrinação* desnuda a imagem negativa que o homem ocidental faz do homem oriental, Fernão Mendes Pinto chega a colocar na boca dos orientais palavras de “acusações que recebem quer de aliados, quer de inimigos, pela ambição de conquista e pela cobiça”<sup>116</sup> dos portugueses. *A Peregrinação* foi escrita em sua aposentadoria, entre 1569 e 1578, e dedicada às suas filhas que, em 1603, legaram o original à *Casa pia dos penitentes*. Mas eram tempos de Inquisição e Fernão Mendes Pinto criticava, indiretamente ou não, as instituições sagradas e a empresa laica de Portugal. Portanto, *A Peregrinação* só foi liberada para publicação em 1614, trinta e um anos depois da morte de Fernão Mendes Pinto.

Fernão Mendes Pinto conheceu Francisco Xavier, mas sua verdadeira conversão se deu não pelo milagre de São Francisco Xavier, mas pelo pirata Antônio de Faria, ao ceticismo. O pirata não foi, a princípio, caracterizado negativamente, e sim positivamente, por sua habilidade de extrair informações dos inimigos. O que seria um paradoxo era uma verdade “nua e crua” nas viagens modernas: ser herói era, em nome da cristandade, pilhar, roubar e matar. *A Peregrinação* “não esconde sua motivação de lucro, nem tampouco posa de heróico”.<sup>117</sup> Fernão Mendes Pinto não é honesto – de onde vem seu apelido “Fernão Mentos? Minto!”, hoje, para Maurice Collis, se reconhece que “nenhum

<sup>115</sup> *Idem. Ibidem.* p. 91.

<sup>116</sup> *Idem. Ibidem.* p. 98.

<sup>117</sup> Luiz Costa LIMA. *Op. Cit.* p. 82.

episódio pode ser completamente tomado como uma fonte direta para a história, mas o conjunto vivifica enormemente nossa apreensão da história”<sup>118</sup> –, nem um herói, é um anti-herói. Portanto, segundo Luís Costa Lima, já é um homem moderno, que, tem a “presteza pícara em recolher do mundo os valores de aprendizagem que lhe dêem uma *capacidade de viver* de acordo com as regras descobertas”.<sup>119</sup>

São Tomé, ou Judas Tomé, foi um dos doze apóstolos de Jesus. Tomé não é propriamente um prenome, mas sim uma palavra que significa gêmeos. Muito se discute de quem esse Judas Tomé seria irmão gêmeo. Acredita se tratar de São Judas Tadeu. “Os Evangelhos apresentam São Tomé como o discípulo incrédulo diante da ressurreição de Cristo”.<sup>120</sup> A aparição mais famosa de São Tomé no Novo Testamento está em João 20:24-29. Essa passagem é a origem da expressão “Tomé o Incrédulo” e de tradições populares como “Fulano é feito São Tomé: precisa ver pra crer”.

“Quando os doze apóstolos se dispersaram pelo mundo, Tomé teria tomado o caminho do Oriente”.<sup>121</sup>

“São Tomé teria levado a Palavra à Índia, tendo sido o primeiro dos Católicos do Leste. Referências nas fábulas preservam a crença de que os ossos de Tomé foram trazidos da Índia à Edessa por um mercador, e que as relíquias operam milagres tanto em Índia quanto em Edessa. Um pontífice determinou o dia dedicado ao santo. As denominações da Igreja Oriental dos Cristãos de São Tomé atribuem suas origens à tradição oral, que alega ter Tomé chegado a Maliankara, próxima à vila de Moothakunnam, na região de Paravoor Thaluk, em 52 d.C. Esse vilarejo contém as igrejas dedicadas a São Tomé popularmente conhecidas como Ezharappallikal (Sete igrejas e meia). Essas igrejas estão em Kodungallur, Kollam, Niranam, Nilackal (Chayal), Kokkamangalam, Kottakkayal (Paravoor), Palayoor (Chattukulangara) e Thiruvithamkode – a meia-igreja”.<sup>122</sup>

As *mirabilias* localizadas nas “Índias” vão ser (des)locadas para o “Novo Mundo”, e o corpo do Apóstolo São Tomé, procurado anteriormente no Oriente, vai ser procurado posteriormente no Ocidente.

<sup>118</sup> *Idem. Ibidem.* p. 94.

<sup>119</sup> *Idem. Ibidem.* p. 85.

<sup>120</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 73.

<sup>121</sup> *Idem. Ibidem.* p. 73.

<sup>122</sup> <<http://pt.wikipedia.org>> acesso em: abril. 2007.

As pregações de São Tomé são um dos raros mitos de origem luso-brasileira, e sua existência corresponde às necessidades da colonização portuguesa.

“O encontro das culturas ibérica e americana provocou um confronto entre imagens, tradições e idéias radicalmente diferentes. Para ‘extirpar a idolatria’, e segundo um método bem conhecido, a Igreja cristianizará as divindades indígenas”<sup>123</sup>. “Um episódio desse conflito foi a identificação de uma das divindades fundadoras das tribos tupi-guarani, *Zomé* ou *Zumé*, com o apóstolo São Tomé, concebida pelos missionários da Companhia de Jesus”.<sup>124</sup>

Padre Manuel da Nóbrega, em seu *Informação da terra do Brasil*, de 1549, escreve que

“No Brasil os índios conhecem São Tomé e o chamam de Pay Zomé. Se acreditarmos na tradição legada por seus ancestrais, ele percorreu essa região e é possível perceber a marca de seus passos na margem de um rio. Eles dizem que essas marcas ficaram impressas no solo quando quiseram matá-lo com flechas e que, no momento em que tentava escapar a seus agressores, o rio parou de correr para deixá-lo passar. Ele o atravessou sem molhar os pés e pode retornar às Índias”.<sup>125</sup>

A hagiografia de Santa Iria (Santarém) é abundante em dados geográficos.

“Bonita rapariga, entregara-se ao amor de Deus, o que não impede que o filho do nobre lá da terra se apaixone desesperadamente por ela e assim *começou ser afetado em seu amor e carnal desejo, mas sendo refreado, assim com temor de Deus como ela reverência dos nobres padres da virgem e do reverendo abade seu tio não ousou mostrar seu amor. Ante segundo costume dos amantes enfermou tão fortemente que caiu em cama*. Iria resolve ir visitar o rapaz para *remediar sua paixão*. Este acende de fato a esquecê-la desde que ela nunca dê a outro o que lhe recusa a ele, caso contrário mandá-la-á matar. A virgem, segura de seu amor por Deus, parte certa de sua força. Mas o diabo, não tendo, desta vez, conseguindo os seus intentos junto a Britaldo, leva o monge Remígio, que fora mestre da virgem, a apaixonar-se por ela e *que a amasse de corrompimento e cujo amor é assim fortemente o acendeu que o tirou do seu siso. E pospondo toda vergonha se desnudou de mandar a virgem de Deus consagrada e por ele mesmo muito bem ensinada e requerendo-a por cujas palavras e ora por afagos, ora por ameaças, mostrando-lhe sobejo rigor não cessava combater o coração da virgem*. Vendo-se

<sup>123</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 72.

<sup>124</sup> *Idem. Ibidem.* p. 73.

<sup>125</sup> *Idem. Ibidem.* p. 74.



repelido, o monge dá de beber à virgem um sumo de ervas que lhe darão a aparência de gravidez e, ao pretendente recusado, motivo para a mandar matar, como prometera. Assim um seu criado seu assassina a virgem e lança o corpo no rio Nabão, que o levou ao Zêzere e deste ao Tejo, onde ficou sepultada. Encarregou-se então Deus de iluminar com conhecimento da verdade o abade, tio de Iria, que levou ao local os amigos, para limpar a memória da virgem”.<sup>126</sup>

Aqui se reconhece o arquétipo bíblico: as águas do Tejo, tal qual as do Mar Vermelho, abrem-se para dar passagem aos companheiros do abade e seus seguidores, e voltam a fechar.

“E logo chamou, e mandou todos religiosos nobres homens, e ainda se deve presumir que naquela companhia iria Britaldo com muito grande contrição, e assim todos se foram aos pés do monte Cabilicrasto – hoje Santarém (de Santa Iria) – no Tejo onde agora é a capela sobre o poço do pego de Santa Iria. E logo pela virtude do Senhor as águas do Tejo se apartaram no dito pego, e deram caminho enxuto até o lugar onde jazia o santo corpo posto, e muito devotamente composto, donde sem dúvida foi alojado pelas mãos dos santos anjos. E porém fizeram ali seus devotos officios, e vigílias, e tomaram por relíquias, dos cabelos da cabeça e das roupas que tinha vestida pondo-lhe muitos outros nobres panos. E saindo se fora logo as águas que por todo aquele espaço estiveram em si congeladas se estenderam e cobriram aquele lugar. E tornando o abade em seu mosteiro, por aquelas santas relíquias foram feitos muitos milagres e curados muitos cegos, gagos e mancos e de muitas outras enfermidades reparados”.<sup>127</sup>

São Vicente, diácono de Valença, foi morto durante as perseguições aos cristãos ordenadas por Diocleciano no início do século IV. Segundo a sua hagiografia, seu corpo foi proibido de ser sepultado e exposto às feras. Mas um corvo marinho o defendeu dos ataques. Ataram-lhe, então, uma pedra ao pescoço e o lançaram ao mar. Mas o corpo, intocado pelos peixes, ficou boiando até uma praia de Valença, onde foi recolhido pelos cristãos que lhe fizeram uma sepultura. As relíquias do santo foram levadas, às escondidas, para o Promontório Sacro, atual cabo de São Vicente, no extremo ocidental do Algarve. Mas, no século XII teriam vindo, por mar, em uma embarcação sem tripulantes e acompanhadas de dois corvos, até Lisboa, que estava em vias de ser reconquistada pelos muçulmanos. A insígnia do santo, uma embarcação encimada por dois corvos, se

<sup>126</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.* pp. 117-118.

<sup>127</sup> *Idem. Ibidem.* p. 121.

tornou o símbolo heráldico de Lisboa, no século XIII. E, depois, São Vicente se tornou o patrono do reino de Portugal.

A origem do mito de São Jorge encontra-se na tradição Síria, onde ele teria sido um soldado da Palestina que teimou em afirmar a fé cristã e morreu, em sacrifício, em 303 d.C.. Sua lenda só começou a se espalhar pela Europa depois que foram construídas igrejas em sua dedicação na Síria, no Egito e em Constantinopla. Esse culto ao mártir chegou à Sicília e à Roma, na Itália, onde o Papa Leão II ordenou a construção de uma igreja. Na Inglaterra, o culto desse santo é conhecido desde a época anglo-saxônica, mas foi o Rei Eduardo III (1327 - 77) que introduziu o grito de guerra *Saint George for England* e instituiu a Ordem dos cavaleiros de São Jorge. No reinado de Henrique VIII, ele foi declarado padroeiro da Inglaterra pelo Papa Bento XIV. Sua fama chegou a Portugal por meio dos cruzados ingleses que vieram ajudar D. Afonso Henriques na conquista de Lisboa em 1147, onde ele é festejado até hoje no dia 23 de abril.

128

São Jorge é um santo sauroctônio, santos que, na tradição cristã, lutam contra, derrubam e matam dragões – o símbolo do mal –, apenas com uma cruz. Esse ato de coragem e heroísmo significa que o combate exterior, corpo-a-corpo, é interior, é uma “Guerra Santa” com a alma.<sup>129</sup>

“São Jorge infância muito nobre era natural de Capadócia, e veio a uma província em uma cidade que se chama cilena. E acerca daquela cidade havia uma grande lagoa que parecia mar. E estava um dragão muito grande e muito forte, e muitas vezes fazia fugir o povo que vinha armado contra ele. E davam-lhe ovelhas que comesse porque amansasse sua sanha. E quando lhas não davam chegava-se ao muro da cidade e empeçonhava os homens com seu bafo e matava muitos deles. E faleciam as ovelhas e houveram acordos dos homens da cidade que lhe dessem uma ovelha e um homem ou mulher. E caiu a sorte sobre a filha do rei, e foi julgada que a dessem ao dragão. E o rei foi muito triste e disse: *tomai ouro e prata, e a metade do meu reino e deixai a minha filha que não morra desta maneira*. E respondeu o povo muito assanhadamente e disseram: *tu rei fizeste e ordenaste este direito, e pois nossos filhos todos são todos mortos. E agora queres salvar tua filha. E se tu não cumprir o que tu ordenaste porque morreram nossos filhos: matemos a ti e a tua filha*. E quando viu o rei que não podia livrar

<sup>128</sup> Cf. Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.*

<sup>129</sup> Cf. Gilbert DURAND. *Imagens e reflexos do imaginário português*. Lisboa: Hugin-Editores Ltda., 2000.

sua filha vestiu-a de vestiduras de rainha, e abraçava-a, e chorava, e dizia *ai minha filha esperava de ti filhos que criasse, e agora te hei de deitar o dragão ai filha cuidava eu de convidar príncipes as tuas bodas. E Deus ordenasse que eu morresse antes de ver isto e ela deitou-se aos seus pés e pediu-lhe a sua benção.* O pai benzeu-a com muito choro e foi com ela até o lugar onde estava o dragão, e tornou-se e ficou a donzela só chorando. E veio São Jorge em cima de seu cavalo, e perguntou-lhe porque chorava. E ela disse *senhor sobe em cima de seu cavalo e foge.* E disse São Jorge *não me partirei de ti até que me digas que há* e ela contou-lhe tudo. E disse-lhe Jorge: *filha não hajas medo. Cá eu te ajudarei com o nome de Jesus Cristo.* E ela disse: *cavalheiro vai teu caminho e não te pereças aqui comigo,* e quanto esta falava veio o dragão com a cabeça alçada sobre a lagoa. E São Jorge subiu em seu cavalo. E foi contra o dragão que vinha contra ele fazendo o sinal da cruz. E esgrimou a lança fortemente. E feriu-o com tal maneira que deu com ele em terra. E disse a infanta *toma a tua cinta e ata-lhe ao colo sem dívida nenhuma.* E ela fez assim e trouxe o dragão seguro, e muito manso trouxe-o a cidade. E quando estes viram os da cidade, começaram de fugir pelos montes e pelas fortalezas dando grandes vozes dizendo hoje seremos destruídos deste dragão. E São Jorge tirou a espada e matou o dragão, e o mandou lançar fora da cidade. E aquele dia se batizaram vinte mil homens sem os meninos e sem as mulheres que se não conta. E o rei fez uma igreja em honra de santa Maria: e de São Jorge muito grande. Do altar da qual mana hoje fonte de água que dá saúde aos enfermos que dela bebem”.<sup>130</sup>

“O dragão se apresenta como o rei dos animais fantásticos. Seu nome vem do termo latino *draco* (oriundo d grego *drakôn*) dado às serpentes de grande porte. É utilizado para designar animais imaginário tão terríveis quanto implacáveis, combatidos por heróis legendários ou por deuses.”<sup>131</sup>

“No Ocidente, é a eloqüente descrição do leviatã bíblico que serve de arquétipo à imagem do dragão”.<sup>132</sup>

<sup>130</sup> Maria Clara de Almeida LUCAS. *Op. Cit.* p. 66-67.

<sup>131</sup> Jorge MAGASICH-AIROLA; Jean-Mark de BEER. *Op. Cit.* p. 240.

<sup>132</sup> *Idem. Ibidem.* p. 240.